



Representação na antiga arena de Verona em presença de enorme multidão.

cessor de Jesaías revela-se possuído do mais ofegante anelo de harmonia.

Porque, a “sociedade sem classes” que tem de ser conquistada por um exército de “Santos dos últimos dias”, numa luta final dos puros contra os ímpuros, não é senão o reinado da harmonia no qual “as espadas se transformarão em arados” numa terra liberta de qualquer injustiça social e de qualquer sofrimento.

Segundo a lei dialético-econômica estabelecida por Marx, “superprodução”, “especulação”, “dividendos vencidos” e “crise” têm de se gerar mutuamente até o dia do grande terror e da aurora da salvação. Nessa lei, embora formulada cientificamente, ecoa a velha lei mítica do profeta Daniel, da sucessão cíclica das “eras universais”, essa lei que, sob interpretações sempre diferentes, que rematam hoje em dia nos “milênários” e nos “adventistas”, manteve a humanidade sob seu império mágico.

Por outro lado, o fato de Marx, com uma decisão categórica, pretender que as fases passadas da história servem para descobrir as futuras e predizer o advento da era de salvação, acha-se inteiramente conforme à crença num plano escatológico de redenção estabelecido desde o princípio dos tempos. Do mesmo modo que todos os quiliâsmos tentam tornar mais suportável o período imprescindível das “dôres”, anunciando como iminente o despontar da salvação, também na doutrina marxista forma-se logo a esperança de que a grande peripécia está para chegar.

E’ verdade que Marx, pessoalmente, possuiu bastante disciplina sentimental e espiritual para não deixar os quadros da salvação futura distraírem sua fantasia dos problemas apresentados pela luta cada vez mais renhida. Ainda que seja ele que, conforme a lei dialética, haja pôsto a síntese no fim dessa luta, mostra-se não obstante, surpreendentemente reservado e sóbrio na descrição desse estágio final. A-pesar-de ter-lhe aparecido, já no seu quarto de estudante, a visão do grande contraste, consegue inebriar-se nas imagens assombrosas até a saciedade, sem que lhe seja preciso, em compensação, alegrar-se na contemplação arrebatadora de cenas de bem-aventurança.

Pelo contrário, Frederico Engels, a quem a visão desse drama da redenção universal não fôra diretamente revelada por um poder demoníaco, sendo-lhe apenas transmitida como por um médium, pelo intermédio duma amizade singular, duma fascinação misteriosa, já não pode suportar a tensão do horror em face do abismo cada vez mais hiante sem recorrer à compensação de abundantes quadros de felicidade edênica.

Eis por quê Engels se empenha em pintar eloqüentemente a era da salvação que vai seguir ao fim do mundo atual, e que Marx, na sua ira profética, esboçara apenas superficialmente, negligenciando-o de caso pensado. No momento em que a sociedade se apossar dos